



ALAN VILLIERS

A CAMPANHA DO
ARGUS

UMA VIAGEM NA PESCA DO BACALHAU

INTRODUÇÃO DE

ÁLVARO GARRIDO

Historiador, Universidade de Coimbra
e Consultor do Museu Marítimo de Ílhavo



cavalo de ferro

A campanha do Argus / The Quest of the Schooner Argus

Autor: Alan Villiers — © Estate of Alan Villiers

Tradução: Nuno Batalha

Fotografias: Alan Villiers — © Museu Marítimo de Ílhavo – foto Alan Villiers

Introdução: Álvaro Garrido — © Álvaro Garrido, 2005

Revisão da 1.ª Edição: Helder Guégués

Revisão da 3.ª Edição: Cláudia Chaves de Almeida

Paginação: Finepaper, Lda.

1.ª Edição: Novembro de 2005

2.ª Edição corrigida: Março de 2006

3.ª Edição, Março de 2014

Produção Gráfica: Tipografia Lousanense, Lda.

Depósito Legal: 000000/14 · ISBN: 978-989-623-187-3

Todos os direitos para publicação em língua portuguesa reservados por:

© Cavalo de Ferro Editores, Lda.

Rua das Amoreiras, 72A, 1250-024 Lisboa · www.cavalodeferro.com

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a autorização prévia e por escrito do editor, com excepção de excertos breves usados para apresentação e crítica da obra.

Esta edição contou com o apoio



Índice

INTRODUÇÃO DE ÁLVARO GARRIDO	7
PREFÁCIO	41
PRÓLOGO	45
CAPÍTULO I — REÚNE-SE A FROTA	49
CAPÍTULO II — O MEIO E A GENTE	65
CAPÍTULO III — ATRAVESSANDO O ATLÂNTICO NORTE	85
CAPÍTULO IV — PARAGEM EM S. JOÃO DA TERRA NOVA	103
CAPÍTULO V — NO GRANDE BANCO	119
CAPÍTULO VI — SINOS NO NEVOEIRO	135
CAPÍTULO VII — O PROBLEMA DO ISCO	155
CAPÍTULO VIII — RUMO A NORTH SYDNEY	177
CAPÍTULO IX — POR ENTRE O GELO	193
CAPÍTULO X — A CAMPANHA DA GRONELÂNDIA — JUNHO	209
CAPÍTULO XI — O PRIMEIRO PESCADOR DE PORTUGAL	229
CAPÍTULO XII — OS CAPITÃES DE ÍLHAVO	247
CAPÍTULO XIII — A CAMPANHA DA GRONELÂNDIA — JULHO	269
CAPÍTULO XIV — VIAGEM NO <i>GIL EANNES</i>	287
CAPÍTULO XV — DE VOLTA AOS BANCOS DA TERRA NOVA?	309
CAPÍTULO XVI — FIM DA CAMPANHA	327
CAPÍTULO XVII — O REGRESSO À PÁTRIA	343
APÊNDICE «A» — O <i>ARGUS</i> E SUAS VIAGENS	359
APÊNDICE «B» — A FROTA BACALHOEIRA PORTUGUESA	364
APÊNDICE «C» — REFERÊNCIAS ECONÓMICAS	368
ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS	377
ÍNDICE DE MAPAS E DIAGRAMAS	389
ÍNDICE REMISSIVO	381

Introdução

Nos meses sombrios do Outono de 1951, as montras dos principais livreiros de Londres e Nova Iorque exibiam um novo livro do mais afamado «escritor marítimo» da época: *The Quest of the Schooner Argus*, de Alan Villiers. Através do título, só os leitores mais afeiçoados às relíquias da vela podiam supor que a narrativa fosse dedicada a um navio bacalhoeiro português. Já o subtítulo tornava mais precisos o tema e o género: *A Voyage to The Banks and Greenland* remetia para uma crónica de viagem, um género clássico da literatura marítima universal.

O *Argus* era um lugre belo e imponente, de quatro mastros, à semelhança dos veleiros que o autor australiano mais apreciava. Navio de casco de aço, provido de motor auxiliar, podia carregar oitocentas toneladas de bacalhau. O novo *Argus* — porque antes dele outro houvera, que fizera a sua última viagem em 1938, sendo depois convertido no *Ana Maria* pela firma portuense Veloso, Pinheiro e C.^a L.^{da} — foi construído na Holanda em 1939 e armado nesse mesmo ano pela Parceria Geral de Pescarias, do Barreiro, propriedade da família Bensaúde.

Ano após ano, o *Argus* fez-se ao Atlântico para «trazer à pátria o pão dos mares»¹. Cumpriria a sua derradeira campanha de pesca nos bancos da Terra Nova e da Gronelândia em 1970. Devido à crónica de Alan Villiers, o *Argus* tornou-se o mais conhecido navio bacalhoeiro português no estrangeiro. Com

¹ *Jornal do Pescador*, ano I, n.º 11, Novembro de 1939, p. 6. O *Jornal do Pescador* era uma publicação periódica, mensal, editada pela Junta Central das Casas dos Pescadores, a que presidia o comandante Henrique Tenreiro. Os fins da revista, muito cuidada no uso da fotografia, eram de propaganda da «obra social das pescas» promovida pelo Estado Novo e de «instrução profissional e moral» dos activos das pescas.



▲ Lugre com motor *Argus*, em 1939

carinho e retórica, o escritor chamava-lhe o «Queen Elizabeth» da frota bacalhoeira portuguesa². Só o *Gazela I* e o *Creoula* rivalizaram na fama. Coincidência ou não, são os três únicos veleiros de pesca do bacalhau da «era dos dóris» que se furtaram ao abandono e ao abate e que, adaptados a outros fins, ainda navegam³.

Em 1974, ano em que caiu a ditadura e findou a pesca do bacalhau por «navios de linha», o *Argus* foi comprado pela empresa canadiana White Fleet Cruise Ships, que acabou por vendê-lo a uma companhia de «navios históricos» para fins turísticos, com sede em Miami, nos EUA. Reconstruído e adaptado a navio de passageiros, o *Polynesia II* continua a fazer cruzeiros nas Caraíbas⁴. Do velho bacalhoeiro português e dos trabalhos por que passou nos mares setentrionais, resta a memória que Alan Villiers compôs e deixou.

² *Id.*, Agosto de 1950, p. 7.

³ Sobre o *Gazela*, vide o memorial redigido por um dos seus capitães: António Marques da Silva, *Memória dos Bacalhoeiros – Uma contribuição para a sua história*, Lisboa, Presença, 1999. Sobre o *Creoula* – hoje adaptado a navio de treino de mar aberto a civis, num projecto da Marinha apoiado pelo Município de Ilhavo –, vide a afectuosa evocação do seu último capitão: Francisco Marques, «O Creoula: a pesca do bacalhau no crepúsculo da navegação à vela», in Álvaro Garrido (coord.), *A Pesca do Bacalhau – História e Memória*, Lisboa, Editorial Notícias, 2001, pp. 225-253.

⁴ Para uma «biografia» do *Argus*, ver A. Manuel Gonçalves, «Navios com História. Lugres do gelo, cisnes dos oceanos», Revista *Oceanos*, n.º 45, Janeiro-Março 2001, Lisboa, CNCDP, pp. 165-175.

Ilustrado com belas fotografias do próprio autor, o novo livro do comandante Villiers não enjeitava um sentido de documentário, de «descoberta» e de divulgação da última actividade económica que fazia uso da navegação à vela em viagens transoceânicas: a pesca do bacalhau por homens e navios portugueses. Essa curiosidade primordial, aguçada pela experiência de repórter do autor, colocava o livro num registo óbvio, mas ambivalente. Ao jeito da época, o retrato literário de uma campanha de pesca do bacalhau por dóris de um só homem⁵ — modo de pescar que, naquele tempo, só os portugueses praticavam —, seria uma narrativa documental, mas nunca tão fria quanto os mares onde Villiers andara com os pescadores portugueses.

Tal condicionamento resultava de três factores essenciais: da «incapacidade» de o autor escrever um texto anódino, sem alma; da beleza cruel das jornadas de trabalho que, meses a fio, Villiers acompanhou e registou em 1950; do convite que o embaixador português em Washington, Pedro Teotónio Pereira⁶, fizera ao escritor marítimo do momento para «acompanhar a frota bacalhoeira portuguesa na sua viagem anual ao Grande Banco da Terra Nova»⁷ e ao estreito de Davis. A este enunciado de razões capazes de explicar a singularidade e qualidade do livro editado em Nova Iorque pela Charles Scribner's Sons e, em Londres, pela Hodder & Stoughton (ambas em 1951), acresce o envolvimento e a admiração do escritor pelos

⁵ A pesca à linha com dóris tripulados por um só homem foi a arte dominante na pesca do bacalhau por navios portugueses entre meados do século XIX e 1974. Os dóris eram pequenos botes de fundo chato, esguios e velozes, provavelmente de origem norte-americana. Empilhado no convés do veleiro (puro, ou provido de motor auxiliar), o dóri era o «micronavio» que cabia em sorte a cada pescador da tripulação. Aprestado de forma rudimentar, era arriado do navio com um só homem a bordo. Um par de remos e uma vela artesanal, aparelhada conforme a experiência e os usos da localidade de onde o pescador provinha, eram os meios de propulsão. As viagens dos pescadores de dóri eram relativamente curtas, mas perigosas. Os pescadores-marinheiros afastavam-se do «navio-mãe» centenas de metros, às vezes duas ou três milhas, e voltavam largas horas depois, quando carregados de bacalhau. O nevoeiro e os *icebergs* eram os principais obstáculos a vencer. Para um sucinto e belo retrato de uma campanha de pesca no começo da década de 50, vide Eduardo Lopes, *Os Pescadores de Dóri*, ed. Museu Marítimo de Ílhavo, 2004.

⁶ Pedro Teotónio Pereira (1902-1972). Para uma biografia, ver Manuel de Lucena, «Pedro Teotónio Pereira», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IX (suplemento), A. Barreto e M. Filomena Mónica (coord.), Porto, Figueirinhas, 2000, pp. 43-59.

⁷ Alan Villiers, *A campanha do Argus*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1951, p. 5 (do Prefácio). O «grande banco» da Terra Nova é um imenso planalto marinho cujos limites insinuam a forma de um triângulo. Desde o começo do século XVI, pelo menos, a beirada do «grande banco» foi um dos principais pesqueiros do mundo. A ele acorreram barcos provenientes de diversos países europeus interessados em pescar bacalhau para abastecimento das populações. Dos portos da Europa do Sul saía-se em Abril ou Maio e regressava-se em Outubro, não fossem a navegação e a sobrevivência dos homens insuportáveis durante os meses de Inverno. As condições bio-oceanográficas dos bancos a sul e sudeste da ilha da Terra Nova explicam a abundância de peixe. Trata-se de zonas dominadas pelo cruzamento das correntes frias polares (em especial a do Labrador), com as águas quentes do *Gulf Stream*, a Sul. Convergência que explica o desenvolvimento de microorganismos e a proliferação de bacalhaus. As dificuldades de renovação das populações de bacalhau da Terra Nova começaram a verificar-se no começo dos anos 60 do século XX.

capitães e pescadores portugueses que repetidamente exprimiu, dentro e fora dos registos da propaganda salazarista.

O autor australiano era um consagrado em assuntos náuticos. A escolha do embaixador português não fora inocente. Oficial de Marinha e praticante de vela desportiva, em 1928 Villiers tornara-se repórter do *National Geographic Magazine*. Na revista americana publicou artigos que fizeram esgotar alguns números. Homem de vasta cultura marítima (náutica, em especial), escrevia de forma límpida e envolvente, se necessário com rigor documental⁸. Os seus livros eram muito disputados pelos editores. Conheceram traduções em diversas línguas e conquistaram leitores fiéis por todo o mundo. O interesse e a curiosidade pela obra de Villiers persistem: ainda hoje alguns dos seus escritos, incluindo o que agora se reedita, fazem as delícias de colecionadores e bibliófilos.

The Quest of the Schooner Argus não conheceu menos êxito editorial do que as anteriores obras do autor. De entre as dezenas de livros que publicou⁹ — todos de temática marítima, com um claro domínio dos temas navais e das crónicas de viagem —, resulta evidente a celeridade com que escrevia e a capacidade que tinha para afeiçoar o discurso aos previsíveis leitores. Treino de repórter, talento de escritor.

Em 1929, o jovem jornalista conheceu o seu primeiro êxito editorial. *Falmouth for Orders* era uma narrativa da viagem que Villiers fizera em 1927, no *Herzogin Cecilie*, navio inglês que fora desafiado para uma regata com o veleiro sueco *Beatrice*, num tempo em que os «duelos de mar» deixavam de ser uma prática comum.

Os principais livros do autor australiano exprimem um grande fascínio pela vela e pelo destino dos últimos *clippers* (veleiros mercantes) que cruzavam os mares. Onde quer que houvesse um *full-rigger* (galera) navegando em grandes rotas comerciais, era certo o interesse de Villiers embarcar e de reportar o que visse e sentisse. Nascido em Melbourne, em 1903, Alan John Villiers, o segundo filho do poeta e dirigente sindical Leon Joseph Villiers, crescera junto às docas, observando os navios de comércio. Aos quinze anos de idade fez o seu

⁸ A sua biografia de James Cook é muito rigorosa e cuidada. Cfr. a edição mais acessível e recente, *Captain Cook, The Seamen's Seaman – A study of the great discover*, London, Penguin Books, 2002 (1.ª ed., Hodder & Stoughton, 1967).

⁹ Para uma listagem rigorosa das obras de Alan Villiers, veja-se o seguinte *site*: http://aandc.org/collections/alan_villiers_text.html. A página é da responsabilidade da Archives & Collections Society, Ontário, Canadá.

batismo de mar, como aprendiz, a bordo do mítico *Rothesay Bay*, um dos últimos veleiros que se ocupavam do transporte de mercadorias no «mar da Tasmânia», ligando a Austrália à Nova Zelândia.

Nos anos 20, o jovem jornalista decidiu acompanhar uma expedição de baleeiros noruegueses à Antártida. Juntou-se-lhes como repórter e foi enviando as suas histórias através do rádio de bordo. As crónicas despertaram tal interesse que Villiers as desenvolveu e verteu em livro: *Whaling in the Frozen*



Alan Villiers no *Argus* ▲

South, cuja primeira edição saiu nos EUA em 1925. Quando voltou da expedição, foi promovido a «repórter sénior» do *Hobart Mercury*, o jornal australiano onde encontrara o seu primeiro emprego.

Em 1930, a Charles Scribner's Sons, o editor americano que haveria de publicar a maioria dos escritos de Villiers, interessou-se pela mais recente e atribulada viagem do autor. Em 1929, ele e o seu amigo jornalista Ronald Walker decidiram fazer um filme sobre o *Grace Harwar*, o último veleiro puro que fazia a carreira comercial entre a Austrália e a Inglaterra. A viagem foi tão sobressaltada que tornou a reportagem disputadíssima pelos editores. Walker morreu no mar e, por carência de boas provisões, o escorbuto atingiu a tripulação. Resistindo como pôde, Villiers registou a dramática experiência em filme e em livro: *By Way of Cape Horn* (1.^a edição de 1930) conheceu um extraordinário êxito. Entre as décadas de 20 e de 30, em terra e no mar, Alan Villiers nunca deixou de fazer jornalismo para periódicos australianos e de colaborar com diversos órgãos de imprensa de Londres.

Entre 1934 e 1936, o escritor-mareante celebrizou-se pela volta ao mundo que fez no *Joseph Conrad*, o barco-escola dinamarquês que comprara e adaptara para esse fim. Perfez 58 mil milhas náuticas à vela. Depois de se tornar co-proprietário de um veleiro de quatro mastros (um dos seus sonhos) e de entrar no negócio de navios à vela para fins de treino (talvez um modo de cumprir o sonho), a partir de 1938 Villiers procurou investigar as singularidades da navegação à vela no Oriente. Passou dezoito meses a bordo de um velho navio árabe em viagens a Zanzibar e interessou-se pela história da presença portuguesa nesta ilha do Índico que, à época, era um protectorado britânico. Registou a experiência num novo livro: *Sons of Sinbad*, editado em 1940, ano em que casou e passou a viver em Oxford, na Inglaterra.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Alan Villiers serviu as forças Aliadas. Tenente da «reserva de voluntários» da Royal Navy, foi chamado a comandar navios de desembarque. Em 1944 comandou uma companhia de infantaria de marinha, na invasão da Itália e da Normandia. A terminar a Guerra, já comandante, integrou as forças que ocuparam Rangum (na Birmânia), a Malásia e as Índias Ocidentais. A sua destreza naval valeu-lhe honrosas distinções. Finda a guerra, voltou à Marinha australiana como oficial na reserva.

Em 1951 — antes ainda de a edição portuguesa sobre a viagem do *Argus* se encontrar concluída — a reportagem do jornalista australiano deu lugar a um filme, com fotografia e realização do próprio Alan Villiers¹⁰. *The Bankers*

¹⁰ O original do filme encontra-se no Museu de Greenwich, em Londres.

— *The Voyage of the Schooner «Argus»* era um documentário de cinquenta minutos, em boa parte filmado a bordo. Sem presunção de fazer cinema, Villiers preocupou-se em compor uma reportagem fílmica, sem arranjos ou especiais cuidados estéticos. Comparando com o livro, o filme apenas oferece a vantagem das imagens em movimento, articuladas segundo uma sequência óbvia, da largada ao regresso do navio.

Apesar das deficiências técnicas que evidencia, volvido meio século o filme adquire uma singular importância documental. O registo pitoresco da reportagem, mais nítido e empobrecedor no filme do que no livro, confere ao documentário de imagem um extraordinário valor memorial. Embora se conheçam outros filmes amadores com parecida intenção documental, graças à fama e qualidade da narrativa literária que Villiers redigiu sobre o *Argus* e devido à divulgação internacional que as reportagens do autor mereceram na imprensa norte-americana e britânica, nas rádios internacionais e no *National Geographic Magazine*, *The Bankers* tornou-se um documentário mundialmente conhecido.

O principal trabalho de difusão do filme de Alan Villiers no «mundo americano» coube à Embaixada de Portugal em Washington. Graças à acção diligente do embaixador Pedro Teotónio Pereira — iniciada em 1949, pouco antes de deixar o seu posto diplomático e de regressar a Lisboa —, durante os meses de Dezembro de 1951 e de Janeiro e Fevereiro de 1952 *The Bankers* terá sido visto por centenas de milhares de americanos¹¹. Não sendo um filme capaz de interessar os circuitos comerciais dos EUA, foi exibido em clubes de diversão e clubes náuticos, em universidades, museus e institutos de arte. Na National Geographic Society e no New York Town Hall houve sessões especiais de apresentação. O périplo estendeu-se a outras paragens da América, do Havai a Montreal. Nas cerca de vinte cidades americanas escolhidas pela Embaixada portuguesa para promover a obra de Villiers, a exibição do filme foi acompanhada de uma conferência do realizador e autor de *A campanha do Argus*. Os principais emissores de rádio americanos transmitiram as palestras; as televisões exibiram súmulas do documentário. Nada ficou ao acaso.

A propósito da experiência que tivera nos bancos da Terra Nova e do livro que acabara de redigir, em Agosto de 1951 Alan Villiers deu conferências em diversas universidades americanas¹². Afável e carismático, o comandante

¹¹ Números apontados pelo próprio Alan Villiers, num depoimento ao *Jornal do Pescador* (Fevereiro de 1952, p. 25).

¹² Cfr. *A Voz*, 16 de Março de 1951, «A faina heróica dos pescadores portugueses...».

Villiers falava tão bem quanto escrevia. Instruído sobre a vulgarata historicista da propaganda portuguesa, nunca se furtou a comparar os capitães e pescadores portugueses aos navegadores de Quinhentos. O primitivismo do trabalho a bordo dos pequenos dóris (a pesca com linhas e anzóis), a dureza das tarefas no convés (a escala) e os constrangimentos do porão (a salga de bordo) cederam ante a beleza do navio e a bravura dos seus homens. Castigados por jornadas de trabalho que desafiavam os limites da resistência humana, os rudes pescadores passaram a «intrépidos navegantes».

Num depoimento «aos leitores de inglês do *Jornal do Pescador*», Alan Villiers atribuía o êxito da campanha de divulgação no «mundo de língua inglesa» ao embaixador Teotónio Pereira e ao «infatigável comandante Henrique Tenreiro». O balanço só podia ser exaltante: «Ao todo, possivelmente 250 000 americanos conhecem agora o que é pescar bacalhau à linha de mão nos Bancos da Terra Nova e nos frígidos e tempestuosos mares ao largo da Gronelândia. O filme foi muitíssimo admirado pelas passagens emocionantes da vida do pescador e pela beleza dos lugres portugueses»¹³, asseverou o autor.

Na Inglaterra e na Escócia, os esforços de divulgação da película foram igualmente cuidados, mas menos intensos. A sessão mais noticiada decorreu na Royal Geographic Society, em Londres. Tanto quanto sabemos, o embaixador de Portugal em Londres, Ruy Ennes Ulrich (1950-53), pouco se envolveu na contenda. A «batalha do *Argus*» foi conduzida por Washington e Lisboa. Por Teotónio Pereira, o ex-embaixador, e Henrique Tenreiro, o «patrão das pescas corporativas», velhos amigos desde que o primeiro estivera prestes a entrar para a Escola Naval, em 1920¹⁴. Além dos esforços da propaganda e dos meios diplomáticos, a divulgação internacional da obra foi facilitada pelos bons ofícios do próprio Alan Villiers junto da imprensa londrina e norte-americana.

Aos olhos de Lisboa, o trabalho da diplomacia portuguesa foi considerado «impecável»; um fiel exemplo de uma diplomacia arguta e mobilizadora, capaz de exaltar o presente e de mostrar à América quanto os dirigentes portugueses seriam dignos do seu passado.

Todo este intenso trabalho de propaganda, certamente pago pelas autoridades salazaristas, despertou ondas de emoção em Portugal. Dado que tudo fora preparado e previsto ao pormenor, a imprensa ousou anunciar o «êxito

¹³ *Jornal do Pescador*, Fevereiro de 1952, p. 25.

¹⁴ Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro (1901-1994). Para uma biografia, vide A. Garrido, «Henrique Tenreiro: patrão das pescas e guardião do Estado Novo», *Análise Social*, n.º 160, Outono de 2001, pp. 839-862.

mundial e retumbante» da obra de Villiers sem que o livro estivesse concluído e publicado¹⁵. Desde que o famoso repórter publicara fragmentos da sua anunciada crónica de viagem no *New York Times*¹⁶ e noutros jornais americanos de grande tiragem, na imprensa de Lisboa começaram a sair notícias antecipando o «extraordinário acolhimento» que o filme e o livro «iriam ter lá fora». Sem surpresa, as boas-novas do estrangeiro inflamaram o discurso da imprensa de regime. À cabeça dos demais, o *Diário da Manhã*, visto que nele detinha grande influência o comandante Tenreiro.

Invariáveis no estilo e na ideologia, os ecos de *A campanha do Argus* também excitaram o orgulho de diversos jornais de âmbito local. Olhão (Fuzeta), Figueira da Foz (Buarcos) e Ílhavo mereceram atenções especiais: quando veio a Lisboa receber as primeiras honrarias do governo de Salazar e exibir o seu filme na «Sala Portugal» da Sociedade de Geografia, Alan Villiers deslocou-se, a seguir, às três localidades. Em todas houve sessões de cinema e de «contacto com os pescadores locais»¹⁷. A esmerada organização de todo este programa pertenceu ao comandante Tenreiro e à teia de poderes que o próprio espalhará por todo o litoral português. As Casas dos Pescadores, as capitânias dos portos e as autoridades civis de âmbito local colaboraram de forma pronta e obediente. Não por acaso, antes de largar para a Terra Nova, Villiers percorrerá todo o litoral português, para conhecer os «nossos homens do mar», os seus costumes e as suas famílias. De Matosinhos ao Algarve, visitará bairros de pescadores, creches, postos de saúde e escolas de pesca, enfim as principais evidências da «obra social das pescas»¹⁸.

Longe destes rituais, muito típicos da cultura salazarista e do seu propósito de celebrar a tradição por meio de liturgias capazes de fundir as elites com o povo, a pesca do bacalhau por homens e navios portugueses começava a despertar uma intensa curiosidade internacional. *A campanha do Argus* mais não fez do que colocar o tema na agenda dos repórteres marítimos do mundo Atlântico. Sem esconder a missão de que fora incumbido pelas autoridades portuguesas, num dos seus primeiros depoimentos após o regresso a Lisboa,

¹⁵ Cfr., por exemplo, *Diário de Notícias*, 28 de Janeiro de 1951, «Nos mares da Terra Nova...»; *id.*, 17 de Março de 1951, «Um filme colorido do escritor...».

¹⁶ *The New York Times*, 19 de Junho de 1950, «With the Portuguese Fishing Fleet...». A reportagem fora enviada de North Sydney, cidade da Nova Escócia onde o *Argus* arribara para meter isco (cavala).

¹⁷ Além da imprensa local, vide *Jornal do Pescador*, Fevereiro de 1951, «Alan Villiers vem a Portugal...». Essas noites de confraternização do escritor e mareante com os «seus amigos pescadores e capitães» tiveram lugar nos dias 16 de Março (Fuzeta), 18 (Buarcos) e 19 (Ílhavo). Em Ílhavo, o filme foi projectado no Atlântico Cine-Teatro.

¹⁸ *Jornal do Pescador*, Abril de 1950, «Para conhecer e viver a faina heróica dos nossos pescadores...».

Villiers profetizara: «O mundo vai ter conhecimento desta viagem, dos lugares portugueses e dos homens que os dirigem, governam e enchem de bacalhau. O nosso mundo precisa dessa narrativa e sinto-me feliz por me ter sido confiada a sua execução¹⁹.»

Em Janeiro de 1951, a BBC entrevistou Alan Villiers por duas vezes. A emissora britânica de rádio relatou a viagem que o escritor fizera a bordo do *Argus*, anunciou o filme e promoveu o livro. Evocando a sua experiência recente, o autor considerou a faina dos pescadores portugueses «uma das mais árduas do mundo»²⁰. As reportagens foram evocadas pelos dirigentes do Grémio da Pesca do Bacalhau como prova irrefutável de que a obra de fomento das pescas promovida pela organização corporativa era reconhecida além-fronteiras.

Só em finais dos anos 60, porém, o filme de Alan Villiers seria substituído por outros na sua função, até aí exclusiva, de mostrar ao mundo imagens da pesca do bacalhau por veleiros e pescadores de Portugal. Quando o colapso da *white fleet* e dos pescadores de dóri portugueses ficou à vista, surgiram novos filmes documentais sobre o tema. Apresentado em 1968, *The Lonely Dorymen — Portugal's Men of the Sea*, compunha um belo relato de viagem do lugre-motor *José Alberto*. O documentário da National Geographic Society relegou «a saga do *Argus*» para um plano secundário. Em 1966, o canadiano Hector Lemieux também realizou um documentário sobre a faina dos portugueses no «grande banco». A iniciativa pertenceu a uma das mais importantes produtoras mundiais do género documental, o National Board Film, do Canadá. *The White Ship* era uma narrativa de viagem sobre o lugre *Santa Maria Manuela*, mas ia muito além da evocação aprazível do veleiro e dos seus homens. Ainda hoje será dos melhores documentários disponíveis sobre o tema²¹.

Apressada pelo embaixador Teotónio Pereira e contando com o apoio financeiro do Grémio da Pesca do Bacalhau, a edição portuguesa de *A campanha do Argus* saiu escassos meses depois do original inglês, ainda em 1951. O privilégio pertenceu à Livraria Clássica Editora, sita na Praça dos Restauradores, em Lisboa, um editor com pergaminhos na publicação de obras importantes e de vincado «portuguesismo». A tradução foi confiada a José da Natividade Gaspar. Trabalho difícil, devido à densidade de vocábulos

¹⁹ *Diário de Notícias*, 28 de Janeiro de 1951, «Nos mares da Terra Nova...»

²⁰ *O Ilhavense*, 10 de Janeiro de 1951, «A pesca do bacalhau em 1950».

²¹ Para um inventário da filmografia portuguesa e estrangeira sobre a pesca portuguesa do bacalhau, veja-se o catálogo editado pelo Museu Marítimo de Ilhavo: *Ciclo de cinema sobre a pesca do bacalhau*, 2003 (textos de A. Garrido e Paulo Cunha).